

# HIPOCORÍSTICOS PORTUGUESES E HÚNGAROS<sup>1</sup>

FÉLIX SCHEILING

Universidad Eötvös Loránd, Budapest, Hungria

*Fecha de recepción:* 27/06/2025

*Fecha de aprobación:* 23/10/2025

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é apresentar as características dos hipocorísticos nas línguas portuguesa e húngara. O estudo divide-se em duas partes principais: a primeira analisa os processos de formação de hipocorísticos, sobretudo do ponto de vista morfológico; a segunda apresenta a proporção, a distribuição por género e os modos de formação dos hipocorísticos utilizados como nomes próprios autónomos nas duas línguas. As principais conclusões do meu trabalho são as seguintes: os processos de formação dos hipocorísticos revelam sobreposições significativas entre as duas línguas, embora se realizem de maneiras diferentes. Além disso, na língua húngara ocorrem alguns tipos de hipocorização que não são característicos de português. Os hipocorísticos usados como nomes próprios autónomos estão presentes com maior frequência na língua húngara; no entanto, a sua distribuição por género é semelhante nas duas línguas e, entre os processos de formação mais frequentes, não se observam diferenças significativas.

**Palavras-chave:** onomástica, antroponímia, hipocorísticos, húngaro, português.

**Abstract:** The aim of this paper is to present the characteristics of hypocoristics in Portuguese and Hungarian. The study is divided into two main parts: the first analyses the processes of hypocoristic formation, primarily from a morphological perspective; the second examines the proportion, gender distribution and formation patterns of the hypocoristics used as given names in both languages. The main conclusions of the study are as follows: the processes of hypocoristic formation show significant overlap between the two languages, although they occur in different ways. Furthermore, certain types of hypocorisation occur in Hungarian that are not typical of Portuguese. Hypocoristics used as given names are more frequent in Hungarian; however, their gender distribution is similar in both languages, and no significant differences are observed among the most common formation patterns.

**Keywords:** Onomastics, Anthroponymy, Hypocoristics, Hungarian, Portuguese.

## 1. Introdução

O fenómeno da hipocorização tem um papel importante em várias línguas e culturas. O objetivo principal deste método é exprimir, em contextos informais, a

---

<sup>1</sup> A versão anterior deste trabalho foi apresentada na conferência OTDK, realizada na Universidade de Szeged, em 2025.

proximidade emocional e a ternura entre os interlocutores. Além disso, em certos contextos, os hipocorísticos podem servir para demonstrar desprezo ou para marcar distinções dentro de um grupo. Ao criar hipocorísticos, os falantes recorrem a soluções criativas para formar as versões mais simples, mais fáceis de pronunciar ou mais lúdicas dos nomes. A maneira de formar hipocorísticos pode variar de cultura para cultura, tal como as situações sociais em que o uso destas formas é adequado.

O objetivo deste trabalho é apresentar as características morfológicas da formação de hipocorísticos em português e em húngaro. A ideia principal era centrar a atenção na análise dos hipocorísticos portugueses, contudo, devido à escassez de fontes que tratem sobre o tema, a comparação com a língua húngara serve como ponto de referência. Na primeira parte do trabalho, analiso os modos possíveis da formação de hipocorísticos, com atenção especial às características fonéticas e às diferenças entre as variantes linguísticas. Em seguida, passo à análise dos hipocorísticos que se tornaram nomes autónomos cuja frequência, distribuição por género e processo de formação pode contribuir para a compreensão das tradições e hábitos de hipocorização de ambas as culturas. A minha hipótese foi que, apesar das diferenças tipológicas entre as duas línguas, a formação dos hipocorísticos portugueses e húngaros mostra semelhanças estruturais, pois a simplificação das palavras segue padrões universais. Por outro lado, é provável que as diferenças culturais tenham influência mais significativa sobre o uso dos hipocorísticos autonomizados.

A base da categorização foi a obra de Mihály Hajdú (2003), elaborada para a língua húngara. Ao investigar a língua portuguesa, foi uma grande dificuldade o facto de haver relativamente pouca literatura disponível que trate especificamente da formação de hipocorísticos e grande parte da que existe centra-se na variante brasileira da língua. Por isso, para encontrar exemplos portugueses, recorri a fontes disponíveis na Internet. Na verificação destes exemplos, contei com a ajuda de falantes nativos.

No capítulo sobre os hipocorísticos autonomizados, utilizei, no caso da língua húngara, os dados da página do Centro da Investigação Linguística HUN-REN (HUN-REN *Nyelvtudományi Kutatóközpont*). Para a análise dos hipocorísticos portugueses, utilizei a lista fornecida pelo Instituto dos Registos e do Notariado (s.d.a). Neste capítulo, tive em conta apenas os nomes formados segundo as regras específicas de cada língua, excluindo os hipocorísticos estrangeiros, pois, segundo a perceção dos falantes, estes nomes não são considerados hipocorísticos.

## 2. Formação dos hipocorísticos

Geralmente, os nomes próprios mais antigos e mais frequentes possuem mais formas hipocorísticas do que os mais recentes ou mais raros. Além disso, os nomes femininos tendem a apresentar mais hipocorísticos do que os masculinos

(Fercsik e Raátz 2017, 9). Tanto na língua húngara como na portuguesa, a formação de hipocorísticos ocorre através de vários processos diferentes. O objetivo deste capítulo é apresentar estes processos com base na categorização do livro *Általános és magyar névtan* [Onomástica geral e húngara] de Mihály Hajdú (2003), com algumas modificações para facilitar a comparação entre as duas línguas, ilustrando-os com exemplos de ambas. Primeiro, indico sempre a forma hipocorística e depois a forma original do nome.

## 2.1. Apócope e aférese

A apócope significa o encurtamento da parte final do nome, tornando-o assim mais fácil de pronunciar (Szabó 1968, 6). As formas apocopadas podem ter uma ou duas sílabas e podem terminar em vogal (formas abertas) ou em consoante (formas fechadas).

Atualmente, os hipocorísticos apocopados monossilábicos abertos, como *Gá* (*Gábor*), aparecem em húngaro sobretudo na linguagem infantil (Hajdú 2003, 640). Em português, podem citar-se exemplos como *Gui* (*Guilherme*) ou *Bá* (*Bárbara*). As formas monossilábicas fechadas existiram em húngaro apenas até ao início do século XIX, mas nunca foram muito comuns (Hajdú 2003, 641). Podem mencionar-se vários exemplos do português, como *Dan* (*Daniel*) ou *Pat* (*Patrícia*), embora grande parte destes sejam empréstimos de outras línguas, principalmente do inglês.

Em húngaro, é por vezes difícil distinguir entre as formas apocopadas dissilábicas abertas e os hipocorísticos derivados por sufixação, pois muitas vogais podem funcionar como sufixos diminutivos. Assim, apenas dois hipocorísticos são considerados apocopados desta categoria: *Dia* (*Dianna*) e *Teo* (*Teodóra*). Em português, também se encontram formas apocopadas dissilábicas abertas, como *Rafa* (*Rafael*) e *Nico* (*Nicolau*). As formas apocopadas dissilábicas fechadas em húngaro geralmente não surgiram com a intenção de formar hipocorísticos, mas sim com o objetivo de “oficializar” nomes percebidos como hipocorísticos, como no caso de *Piroska*, cuja terminação coincide com o sufixo diminutivo *-ka* (Hajdú 2003, 642-644). As formas apocopadas polissilábicas em português tendem a terminar em consoante, os hipocorísticos dissilábicos abertos não são comuns.

As formas apocopadas portuguesas geralmente não mantêm a sílaba tónica do nome original, a menos que esta seja a antepenúltima. Muitos desses hipocorísticos apresentam uma segmentação irregular, desrespeitando a integridade das sílabas. Uma razão possível para tal é que muitos deles são empréstimos do inglês (Ferreira 2022, 29).

A aférese significa a omissão do início do nome, que em ambas as línguas é uma maneira comum de formar hipocorísticos. Normalmente, neste caso, o hipocorístico tem uma ou duas sílabas.

Em húngaro, a aférese pode ocorrer com a omissão de uma, duas ou três sílabas (*Mese – Emese, Gitta – Brigitta, Guszta – Augustza, Nóra – Eleonóra*). Habitualmente, as formas criadas por aférese começam por uma consoante. Além disso, é frequente adicionar um sufixo diminutivo a formas criadas por aférese ou aferesear hipocorísticos já sufixados: *Lórika (Flórián), Lojzi (Alajos)*. Entre os hipocorísticos criados por aférese e sufixação, a proporção de formas femininas é maior, e muitos deles são satíricos (Hajdú 2003, 700-704).

Em português, também é comum a aférese com a omissão de uma (*Távio – Otávio, Mila – Camila*) ou duas sílabas (*Bel, Bela – Isabel, Isabela*). Nestes hipocorísticos, a aférese ocorre sempre antes da sílaba tónica do nome original, assim, a vogal tónica do nome original vai ser a vogal tónica do hipocorístico. Muitas vezes, estes hipocorísticos sofrem ainda mais redução através da omissão de sons adicionais para simplificação (*Beto – Alberto, Bilo – Abílio*) (Ferreira 2022, 28-29). A maior parte dos nomes portugueses tem hipocorísticos formados por aférese, e normalmente essas formas começam por consoante. Tal como em húngaro, em português também é frequente a combinação da aférese com sufixos diminutivos (*Xandimbo – Alexandre, Leninha – Helena*).

Em português, também há exemplos da omissão simultânea do início e do fim do nome (*Pita – Epitácio, Tó – António*) (Seide e Petrulioné 2020, 12). Alguns hipocorísticos apocopados ou criados por aférese podem sofrer alterações ortográficas (*Bia – Beatriz, São – Conceição*). Há uma diferença entre as duas principais variantes do português no uso da apócope e da aférese: no português europeu é mais frequente a omissão do início do nome, no português do Brasil prevalece a apócope (Villalva 2008, 51-52).

## 2.2. Sufixação

Os sufixos diminutivos mais usados na formação de hipocorísticos em húngaro são *-cska/-cske, -ka/-ke* e *-i*. O sufixo *-cska* pode ser acrescentado tanto a nomes completos (*Béla cska – Béla*) como a formas apocopadas (*Zsigácska – Zsiga – Zsigmond*). O sufixo *-cske* aparece habitualmente depois de nomes masculinos completos (*Jenőcske – Jenő*) (Hajdú 2003, 691-692). Estes sufixos, em geral, formam hipocorísticos com valor pejorativo. A utilização do sufixo *-ka/-ke* (*Balázská – Balázs*) pode ocorrer em mais contextos, pois tem um efeito menos depreciativo, no entanto, várias condições fonológicas impedem o seu uso (Kiefer e Ladányi 2000, 169). O sufixo *-i* forma sempre hipocorísticos dissilábicos, pelo que se liga tipicamente a formas apocopadas (*Jani – János*). Além destes, há também vários outros sufixos diminutivos menos produtivos, que eram ou ainda são utilizados, por exemplo *-o/-ó* (*Feró – Ferenc*), *-u* (*Gézu – Géza*), *-ca/-ce* (*Ica – Ilona*), *-ci* (*Berci – Bertalan*), *-có/-cő* (*Jocó – József*), *-cu* (*Icu – Ilona*), *-ica* (*Agica – Ágnes*), *-ice* (*Évice – Éva*), *-csi* (*Lajcsi – Lajos*) e *-ici*

(*Imici – Imre*). Uma parte significativa deles corresponde a sufixos compostos (Hajdú 2003, 649-687; Keszler 2000, 316) e habitualmente se ligam a formas apocopadas. É possível que um nome receba mais do que um sufixo diminutivo (*Ferike – Ferenc, Jancsika – János*).

Na língua portuguesa, também há uma grande variedade de sufixos diminutivos. Entre eles, o mais comum é *-(z)inho/- (z)inha*, que aparece em forma *-zinho/-zinha* após nomes monossilábicos ou terminados em vogal tónica ou ditongo tónico (*Ze<sup>z</sup>inho – José, Tome<sup>z</sup>inho – Tomé, Sebastião<sup>z</sup>inho – Sebastião*), e em forma *-inho/-inha* depois de nomes terminados em *-s, -z, -a* ou *-o* (*Luisinho – Luís, Beatriz<sup>z</sup>inho – Beatriz, Camilinha – Camila, Francisquinho – Francisco*). Nos demais casos, pode aparecer em ambas as formas (*Manuelinho/Manuelzinho – Manuel*). Uma categoria especial é a dos nomes polissilábicos terminados em *-s*, que podem manter essa terminação mesmo na forma diminutiva (*Carlinhos – Carlos*) (Monteiro 2002, 218). Também é frequente o uso do sufixo *-(z)ito/-(z)ita* que forma hipocorísticos segundo as mesmas regras descritas anteriormente (*Miguelito/Miguelzinho – Miguel*). Além disso, usam-se ou usavam-se para a formação de hipocorísticos outros sufixos como *-eco/-eca* (*Toneco/Toneca – António/Antónia*), *-oca(s)* (*Anoca[s] – Ana*), *-ocha* (*Manocha – Manuela*), *-ucha* (*Mariucha – Maria*), *-ó* (*Canjó – Arcanja*), *-ica* (*Teresica – Teresa*), *-uca* (*Reizuca – Rei*) e *-ote* (*Quinzote – Joaquim*). Os sufixos *-ico/-ica* (*Joanico – João*) e *-uco/-uca* (*Manueluco – Manuel*) aparecem apenas em certas variedades dialetais (Rio-Torto 1993, 228, 291, 330, 415, 720, 730, 754, 839). Tal como em húngaro, em português é também possível que um nome receba mais do que um sufixo diminutivo ao mesmo tempo, por exemplo, *-ico* e *-inho*, *-ico* e *-oco*, ou *-oco* e *-inho* (*Mariquinha, Maricoca, Maroquinha – Maria*) (Monteiro 2002, 219).

Além disso, na língua portuguesa existem vários sufixos aumentativos que muitas vezes não indicam o tamanho físico do referente, pois isso é normalmente expresso de forma analítica, com a palavra *grande* ou os seus sinónimos (Cunha e Cintra 1984, 199). Entre os sufixos aumentativos, o uso do sufixo *-(z)ão* também é frequente na formação de hipocorísticos (*Ruizão – Rui, Carlão – Carlos*).

### 2.3. Reduplicação

Os hipocorísticos formados por reduplicação parcial de um segmento polissilábico aparecem na linguagem infantil húngara. Este tipo de hipocorísticos é frequentemente usado com intenção pejorativa ou de zombaria e aparece muitas vezes em poemas e canções infantis. Em húngaro, geralmente os nomes que começam por uma vogal têm este tipo de hipocorístico cujo segundo elemento normalmente começa por uma consoante bilabial (*Andi-Bandi – Andrés, Ista-Pista – István*) (Rác 1959, 43-48). No entanto, em português, a reduplicação parcial de

palavras polissilábicas não é comum, por isso este tipo de hipocorísticos não aparece (Piechnik 2015, 42).

Na repetição de grupos fônicos, não se repete o nome completo, apenas uma sílaba dele. Em húngaro, a parte repetida pode ser o início (*Dede – Dezső*), o meio (*Bobo – Ibohya*) ou o fim do nome (*Mimi – Noémi*). Também há exemplos da repetição dupla (*Cicici – Laci – László*). Como no exemplo anterior, a base da reduplicação pode ser já um hipocorístico, mas também pode acontecer que o hipocorístico formado por reduplicação receba um sufixo diminutivo (*Sziszike – Szilárd*) (Hajdú 2003, 715-716).

Na língua portuguesa também existem hipocorísticos formados por reduplicação dum grupo fônico. Tal como em húngaro, pode repetir-se o início (*Cacá – Cláudia*), o meio (*Fofó – Afonso*) ou o fim do nome (*Nana – Ana*). Às vezes, uma consoante do grupo repetido pode desaparecer durante a repetição (*Gogó – Glória*) (Seide e Petrulioné 2020, 13) e em português também é possível acrescentar um sufixo diminutivo e uma forma resultante da reduplicação (*Nonocas – Nono – Leonor*).

#### 2.4. Alternância consonântica ou vocálica

Nesta categoria são incluídos hipocorísticos em que uma ou mais consoantes ou vogais são diferentes das do nome original. Este tipo de hipocorísticos tem vários subgrupos segundo a parte do nome em que a mudança ocorre ou o tipo da alteração.

Em húngaro, a alternância consonântica pode ocorrer no início do nome: por exemplo, uma consoante interna pode ser deslocada para o início (*Lili – Ilona*) ou a mudança pode resultar de reduplicação polissilábica (*Bandi – Andi-Bandi – András*). Também podem ocorrer alternâncias no interior do nome, por exemplo, por influência da primeira consoante (*Böbi – Bözsi – Erzsébet*), por palatalização (*Petya – Péter*) ou por mudança na duração do som (*Emi – Emma, Nellí – Kornélia*) (Hajdú 2003, 707-714).

No caso do português, também ocorrem alternâncias consonânticas, principalmente em formas criadas por aférese. Estas podem surgir no início do nome, por influência de uma consoante interna (*Quica/Kika – Francisca, Pipa – Filipa*) (Seide e Petrulioné 2020, 12) ou no final do nome, por influência estrangeira (*Vic – Vítor*).

As alternâncias vocálicas, em húngaro, podem também resultar da reduplicação (*Ficó – Fecó-Ficó – Ferenc*), da substituição de vogais na linguagem infantil (*Mira – Mari – Mária*) ou de fechamento vocálico (*Luci – Laci – László*) (Hajdú 2003, 714-715). Encontrei poucos exemplos deste tipo de mudança em português. Por exemplo, no caso do nome *Joana*, onde a primeira vogal é átona, mas na forma apocopada *Jó*, torna-se tónica, com a realização [o] em vez de [u]. Portanto, aqui trata-se de um processo de abertura da vogal. (O nome *Joana* também tem os hipocorísticos *Ju* e *Juju*, que refletem a pronúncia do nome original.)

## 2.5. Síncope

No caso da síncope, também ocorre uma forma de abreviação. Exemplos em húngaro são *Katinka – Katalinka* e *Inka – Ilonka* (Rácz 1966, 90) e, em português, *Quino – Quirino* e *Marla – Marvela* (Seide e Petrulioné 2020, 12). Este processo pode ocorrer simultaneamente com a aférese (*Guida – Margarida*) ou com a reduplicação (*Cacá – Cláudia*) e também pode acontecer que apenas um som seja omitido (*Manel – Manuel*).

## 2.6. Nomes comuns como hipocorísticos

Entre os hipocorísticos infantis também aparecem nomes comuns criados a partir da distorção de nomes próprios. Em húngaro, pode acontecer que haja apenas uma diferença de um único som entre o nome original e o hipocorístico (*Mákos* ‘de papoila’ – *Ákos*), mas também há casos em que apenas dois ou três sons coincidem entre as duas formas (*Bendzsó* ‘banjo’ – *Erzsébet*) (Hajdú 2003, 718-721).

Em português, também pode haver maior ou menor semelhança entre o nome original e a palavra usada como hipocorístico. Por exemplo, o hipocorístico *Cacan*, usado para os nomes *Cláudio* e *Cláudia*, partilha a consoante inicial e o ditongo com os nomes. Já no caso do hipocorístico *Rena* e do nome *Rodolfo*, apenas a consoante inicial é igual.

Porém, também há casos em que um hipocorístico não é usado numa variante linguística por causa do significado comum da palavra, enquanto noutra variante é exclusivamente usado como hipocorístico. Exemplos são *Xana* (*Alexandra*) e *Lalan* (*Nicolau*) que na gíria do Brasil têm sentidos pejorativos (designam a vagina e a ladrões), e por isso são usados como hipocorísticos apenas no português europeu.

## 2.7. Nomes estrangeiros como hipocorísticos

É comum, em ambas as línguas, o uso de nomes estrangeiros como hipocorísticos. Isso pode ser o equivalente estrangeiro do nome ou um hipocorístico estrangeiro. No caso da língua húngara, hoje em dia, é frequente o uso de nomes (*Judith – Judit*) ou hipocorísticos ingleses (*Bob, Bobby – Róbert*), muitas vezes com sufixos diminutivos húngaros (*Bobika*). Também ocorrem associações incorretas entre nomes húngaros e estrangeiros (*Bobby – Béla*) (Hajdú 2003, 721-725). Na língua portuguesa, também existem muitos hipocorísticos de origem inglesa (*Tony – António*). A maior parte dos hipocorísticos apocopados monossilábicos fechados, já mencionados, são empréstimos do inglês ou de outras línguas.

## 2.8. Outros tipos de hipocorização

Além dos processos da formação mencionados, existem também outros, pouco frequentes. Alguns destes são restritos a certas regiões.

A formação por composição com nomes comuns é característica da língua húngara, sobretudo nas regiões da Transilvânia. Nestes casos, os nomes são combinados com palavras comuns, principalmente com a palavra *keis* ‘pequeno’ (*Kisanna – Anna, Kisjózsi – Józsi – József*) (Hajdú 2003, 717-718).

A substituição de nome também ocorre na língua húngara, nas regiões a leste do rio Tisza. Neste caso, em ambiente familiar, utilizam-se nomes ou hipocorísticos diferentes do nome próprio oficial. A razão da substituição é habitualmente a semelhança fonética no início (*Bandi – Balázs*) ou no final (*Róbert – Norbert*) das duas formas.

Nas práticas de atribuição de nomes em Portugal é mais comum dar mais do que um nome próprio à criança do que na Hungria. O nome completo pode ter até seis elementos, dois dos quais habitualmente são nomes próprios (Instituto dos Registos e do Notariado, s.d.b). Por isso, desenvolveram-se hipocorísticos compostos que combinam os dois nomes. Estes hipocorísticos costumam resultar das formas apocopadas dos nomes (*Joca – João Carlos, Malu – Maria Luísa*). No caso do nome *José*, é frequente o uso da forma criada por aférese (*Zeca – José Carlos*), e dos nomes *António* e *Antónia*, a sílaba tónica do meio é a que aparece nos hipocorísticos (*Tozé – António José*). (A forma *Zeca* também pode ser o hipocorístico do nome *José* por si só, neste caso resulta da forma criada por aférese *Zé* com um sufixo diminutivo.) Este tipo de formação é muito menos comum na língua húngara, mas também existem hipocorísticos compostos por dois nomes próprios (*Pálistók – Pál István*) (Hajdú 2003, 718).

## 3. Hipocorísticos autonomizados

Os hipocorísticos autonomizados são hipocorísticos que perderam a sua função original e se tornaram prenomes oficiais. A seguir, apresento as frequências, os modos típicos de formação e a distribuição por género desses prenomes na Hungria e em Portugal.

### 3.1. Hipocorísticos autonomizados em húngaro

Na Hungria, só podem ser registados como prenomes os que constam numa lista previamente elaborada pelo Centro da Investigação Linguística HUN-REN. A essa lista podem ser adicionados novos nomes, seguindo algumas diretrizes. No caso de prenomes de carácter hipocorístico, só podem ser adicionados a essa lista os que são frequentemente usados. Formas com diminutivo múltiplo não podem ser aceites. No

caso de hipocorísticos masculinos, só podem ser registados aqueles cujo uso remonta à Idade Média ou os que aparecem numa obra literária amplamente conhecida.

Segundo a interface de pesquisa do Centro da Investigação Linguística HUN-REN, em agosto de 2024, havia 72 nomes masculinos com caráter hipocorístico que podiam ser registados oficialmente na Hungria. Isso representa 3,61% do total dos nomes masculinos (1993). No entanto, entre estes nomes há exemplos de empréstimos de hipocorísticos estrangeiros: cinco nomes alemães, três ingleses, dois eslavos, dois italianos e um grego. Assim, restam 59 nomes que são de origem húngara, ou cuja forma hipocorística surgiu segundo as regras da língua húngara, depois de o nome ter sido integrado nela (como por exemplo no caso do nome eslavo *Rados* que tem um sufixo diminutivo húngaro). Estes 59 nomes correspondem a 2,96% de todos os nomes masculinos. A grande maioria destes nomes (94,92%) formou-se através da combinação da apócope e da sufixação (por exemplo *Ambró* – *Ambrus*), um nome (1,69%) formou-se por alternância consonântica, apócope e sufixação (*Bandó* – *András*), um nome por aférese, apócope e sufixação (*Manó* – *Emánuel*) e também um nome apenas por apócope (*Sebes* – *Sebestyén*). Quanto à frequência, dos nomes analisados, o nome mais comum entre os nascidos em 2023 foi *Gergő* (de *Gergeh*), que ocupava o 36.º lugar entre os nomes mais frequentes. Além disso, o nome *Bende* (de *Benedek*) também estava presente entre os 100 nomes masculinos mais populares, no 87.º lugar (Belügyminisztérium, s.d.).

Entre os 2656 nomes femininos húngaros, 329 têm caráter hipocorístico, o que representa 12,39% dos nomes femininos. No entanto, entre eles é maior a proporção de hipocorísticos formados segundo as regras de línguas estrangeiras, especialmente do alemão (41), do inglês (32) e do italiano (16). Se considerarmos apenas os hipocorísticos de origem húngara, restam 200 nomes que correspondem a 7,53% do total dos nomes femininos. Estes representam mais modos de formação que os nomes masculinos, mas aqui também predominam os hipocorísticos formados por apócope e sufixação (119 nomes, 59,5%, por exemplo *Ági* – *Ágnes*), seguidos pelos nomes criados por aférese (por exemplo *Émi* – *Noémi*), e pelos que apresentam aférese, apócope e sufixação (por exemplo *Lenka* – *Heléna/Magdaléna*), ambas as categorias com 17 nomes (8,5%). Depois vêm os nomes apenas apocopados (por exemplo *Apol* – *Ápollónia*). Curiosamente, entre os nomes femininos encontram-se três nomes (*Janka*, *Józsa* e *Györgyike*) que originalmente eram hipocorísticos de nomes masculinos (*János*, *József* e *György*). Em termos de frequência, destes nomes, *Léna* foi o mais comum entre os nascidos em 2023, como 5.º nome feminino mais frequente, seguido por *Janka* (24.º lugar) e *Lilla* (28.º lugar). (Belügyminisztérium, s.d.).

Em resumo, entre os nomes femininos a proporção de formas hipocorísticas autónomas é mais do dobro (7,53%) do que entre os nomes masculinos (2,96%). Isso pode dever-se à maior variedade de formas hipocorísticas e à sua utilização mais frequente no quotidiano. O número de hipocorísticos de origem estrangeira é também muito mais elevado entre os nomes femininos: 129 nomes, contra apenas

13 entre os masculinos. Quanto ao modo de formação, tanto nos nomes masculinos, como nos femininos predominam a apócope e a sufixação, no entanto os nomes femininos apresentam mais diversidade e até processos raros como a composição com nome comum ou a reduplicação (Tabela 1), o que pode indicar uma maior criatividade na sua formação.

	Proporção (nomes masculinos) <sup>2</sup>	Proporção (nomes femininos) <sup>3</sup>	Proporção (todos os nomes) <sup>4</sup>
<i>Apócope</i>	100%	79,0%	83,8%
<i>Sufixação</i>	98,3%	79,5%	83,8%
<i>Afêrese</i>	1,69%	22,5%	17,8%
<i>Alternância consonântica</i>	1,69%	5,5%	4,63%
<i>Alternância vocálica</i>	0%	1,5%	1,16%
<i>Nomes comuns</i>	0%	1,5%	1,16%
<i>Reduplicação</i>	0%	1%	0,77%
<i>Composição com nome comum</i>	0%	1%	0,77%

Tabela 1. Modos de formação dos hipocorísticos húngaros autonomizados

### 3.2. Hipocorísticos autonomizados em português

Em Portugal, a lista dos nomes registados (Instituto dos Registos e do Notariado, s.d.a) contém vários nomes estrangeiros, não apenas os nomes portugueses, porque em alguns casos, os cidadãos portugueses podem escolher nomes estrangeiros. Assim, o número dos nomes apresentados na lista é maior do que o número dos nomes que podem ser registados na Hungria.

Nesta lista do Instituto dos Registos e do Notariado, que contém 3530 nomes masculinos, apenas 18 são de caráter hipocorístico segundo as regras do português, o que corresponde a 0,51% de todos os nomes masculinos. Contudo, devido à metodologia diferente na compilação das listas, não é adequado comparar esta proporção com os dados húngaros. Sete nomes (38,9%) resultam da apócope (por exemplo *Gui – Guilherme*), três (16,7%) são formados por sufixação (por exemplo *Alfredinho – Alfredo*) e três por afêrese (*Quim – Joaquim*). Também há exemplos da síncope e da alternância consonântica. Estatísticas oficiais sobre a frequência dos nomes são disponíveis apenas para os 20 nomes mais frequentes. No período entre 2017 e 2022, nenhum hipocorístico masculino autonomizado figurou entre os nomes mais frequentes (Ministério da Justiça, s.d.a).

<sup>2</sup> Em relação aos hipocorísticos húngaros masculinos autonomizados (59).

<sup>3</sup> Em relação aos hipocorísticos húngaros femininos autonomizados (200).

<sup>4</sup> Em relação ao total dos hipocorísticos húngaros autonomizados (259).

Dos 4019 nomes femininos, 39 são provavelmente hipocorísticos portugueses autonomizados, o que representa 0,97% dos nomes femininos. Entre estes nomes, o maior grupo é o dos formados por sufixação (15 nomes, 38,5%, por exemplo *Clarinha* – *Clara*), seguido pela apócope (9 nomes, 23,1%, por exemplo *Isa* – *Isabel*). Entre estes hipocorísticos autonomizados encontra-se um hipocorístico composto por dois próprios (*Malu* – *Maria Luísa*/*Maria Lúcia*) e o único hipocorístico português autonomizado formado por reduplicação (*Nené* – *Inês*). Nenhum destes nomes esteve entre os 20 nomes mais populares entre os nascidos no período de 2017 a 2022. O único nome com caráter hipocorístico presente entre os nomes mais frequentes foi *Lara*, a forma abreviada russa do nome *Larissa* que figurou entre a 13.<sup>a</sup> e 19.<sup>a</sup> posição todos os anos, mas este nome não foi formado segundo as regras portuguesas (Ministério da Justiça, s.d.b).

Podemos constatar que a proporção de hipocorísticos autonomizados é muito baixa para ambos os géneros em Portugal, embora, no caso dos nomes femininos, tanto em número como em percentagem, haja cerca de duas vezes mais hipocorísticos do que entre os nomes masculinos. A influência estrangeira não pode ser avaliada, pois comunidades com diferentes identidades culturais afetam a lista. Nenhum hipocorístico português autonomizado está entre os nomes mais comuns, seja masculino ou feminino. Conforme a Tabela 2, os modos de formação mais frequentes são a sufixação e a apócope, seguidas pela aférese. No entanto, do grupo dos hipocorísticos formados por reduplicação, apenas um conseguiu autonomizar-se. Contudo, o baixo número de casos impede conclusões gerais sobre os hábitos de hipocorização em português.

	Proporção (nomes masculinos) <sup>5</sup>	Proporção (nomes femininos) <sup>6</sup>	Proporção (todos os nomes) <sup>7</sup>
<i>Sufixação</i>	16,7%	38,5%	31,6%
<i>Apócope</i>	38,9%	28,2%	31,6%
<i>Aférese</i>	33,3%	25,6%	28,1%
<i>Síncope</i>	22,2%	10,3%	14,0%
<i>Hipocorístico composto por dois nomes próprios</i>	0%	2,56%	1,75%
<i>Alternância consonântica</i>	5,56%	0%	1,75%
<i>Reduplicação</i>	0%	2,56%	1,75%

Tabela 2. Modos de formação dos hipocorísticos portugueses autonomizados

<sup>5</sup> Em relação aos hipocorísticos portugueses masculinos autonomizados (18).

<sup>6</sup> Em relação aos hipocorísticos portugueses femininos autonomizados (39).

<sup>7</sup> Em relação ao total dos hipocorísticos portugueses autonomizados (57).

### 3.3. Comparação

Com base nos dados acima, podemos ver que os hipocorísticos autonomizados são mais típicos na língua húngara do que na portuguesa (259 hipocorísticos húngaros autonomizados, contra 57 portugueses). Em ambas as línguas, a autonomia dos hipocorísticos femininos é quase o dobro da dos masculinos. Em húngaro, a apócope e a sufixação são os processos que produzem mais hipocorísticos autonomizados, em português, a proporção da sufixação, da apócope e da aférese é quase igual. Ao mesmo tempo, em português, a proporção dos modos de formação é mais equilibrada do que em húngaro. Nenhum dos hipocorísticos autonomizados se encontra entre os nomes mais populares nos últimos anos nas línguas analisadas, sendo a única exceção o nome *Léna*, em húngaro.

### 4. Conclusão

Os modos de formação dos hipocorísticos presentes nas línguas portuguesa e húngara apresentam uma sobreposição significativa. Os três processos mais frequentes no uso quotidiano de ambas as línguas são a apócope, a aférese e a sufixação, ainda que estes se realizem de maneiras diferentes. Enquanto em húngaro, a apócope costuma ocorrer simultaneamente com a sufixação, em português, os hipocorísticos apocopados resultam mais frequentemente da influência da língua inglesa. No caso da aférese, o fator mais importante em português é a posição da sílaba tónica. O processo da sufixação difere dos dois modos de formação mencionados acima, pois esta estratégia não encurta o nome, mas sim o alonga. A diferença mais marcante no uso dos sufixos entre as duas línguas é o facto de, em português, se usar também o sufixo aumentativo para formar hipocorísticos, sendo que este tipo de sufixos já não existe em húngaro.

Mais modos de formação raros estão presentes na língua húngara do que na língua portuguesa. A composição com nomes comuns, a reduplicação polissilábica e a alternância vocálica são características sobretudo do húngaro. Em português, são mais comuns os hipocorísticos compostos por dois nomes próprios e os hipocorísticos de origem inglesa. Também existem diferenças no português, entre as variantes brasileira e europeia da língua relativamente à distribuição de apócope e aférese, assim como entre os dialetos do húngaro no caso da substituição do nome e da composição com nomes comuns.

As principais conclusões relativas aos hipocorísticos autonomizados são que estes estão presentes em maior número na língua húngara do que na portuguesa, e que em ambas as línguas, a proporção destes nomes é o dobro entre os nomes femininos em comparação com os nomes masculinos. No que diz respeito aos modos de formação, não há nenhuma diferença significativa relativamente aos

hipocorísticos autonomizados das duas línguas, exceto que, em português, a distribuição entre os diferentes processos é mais equilibrada. Em ambos os países analisados, os hipocorísticos autonomizados raramente figuram entre os prenomes mais populares.

## Referências bibliográficas

Belügyminisztérium. s.d. “Lakossági számadatok a személyiadat- és lakcímnnyilvántartás alapján.” <https://nyilvantarto.hu/hu/statisztikak?stat=kozerdeku>.

Cunha, Celso e Cintra, Lindley. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Fercsik, Erzsébet e Raátz, Judit. 2017. *Keresztnevek*. Budapest: TINTA Könyvkiadó.

Ferreira, Lurdes. 2022. *Alex ou Xano(a): a importância do acento na seleção do hipocorístico*. Porto: Universidade do Porto.

Hajdú, Mihály. 2003. *Általános és magyar névtan. Személynevek*. Budapest: Osiris Kiadó.

HUN-REN Nyelvtudományi Kutatóközpont. s.d.a. “Utónévkereső.” <http://utonevkereso.nytud.hu/>.

HUN-REN Nyelvtudományi Kutatóközpont. s.d.b. “Jogsabályok és alapelvek a kérvényezett nevek szakvéleményének elkészítéséhez.” <https://nytud.hu/wp-content/uploads/2023/03/alapelvek.docx.pdf>.

Instituto dos Registos e do Notariado. s.d.a. “Lista de nomes próprios.” <https://irn.justica.gov.pt/Portals/33/Regras%20Nome%20Proprio/Lista%20Nomes%20Pr%C3%B3rios.pdf?ver=WNDmmwiSO3uacoFjMNoxEQ%3D%3D>.

Instituto dos Registos e do Notariado. s.d.b. “Regras para a composição do nome.” <https://irn.justica.gov.pt/Servicos/Cidadao/Nascimento/Composicao-do-nome>.

Keszler, Borbála. 2000. “A szóképzés.” En *Magyar grammatika*, editado por Borbála Keszler, 307-320. Budapest: Nemzeti Tankönyvkiadó.

Kiefer, Ferenc y Ladányi, Mária. 2000. “Morfozintaktikailag semleges képzések.” En *Strukturális magyar nyelvtan 3*, editado por Ferenc Kiefer, 165-214. Budapest: Akadémiai Kiadó.

Ministério da Justiça. s.d.a. “Registo de Nomes (Masculino).” <https://dados.justica.gov.pt/dataset/nomesmasculino>.

Ministério da Justiça. s.d.b. “Registo de Nomes (Feminino).” <https://dados.justica.gov.pt/dataset/nomesfeminino>.

Monteiro, José Lemos. 2002. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes.

Piechnik, Iwona. 2015. *Reduplicative syllables in romance languages*. Krakow: Jagiellonian University. <https://doi.org/10.4467/20843917RC.15.003.4000>.

- Rácz, Endre. 1966. "Manci." *Magyar Nyelvjárások*, 12. 81-93.
- Rácz, Endre. 1959. "Ikerítéssel alakult becéző neveinkről." En *Nyelvészeti Dolgozatok*, editado por Antal Nyíri, 43-48. Szeged: Szegedi Tudományegyetem Bölcsészettudományi Kar.
- Rio-Torto, Graça. 1993. *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Seide, Márcia Sipavicius e Petrulioné, Lolita. 2020. "Formação e usos de nomes hipocorísticos no português do Brasil e no idioma lituano." *Alfa: Revista de Linguística*, 64. <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e11611>.
- Szabó T., Attila. 1968. *A kolozsvári becenevek a XVI-XIX. században. Nyelvtudományi értekezések 59*. Budapest: Akadémiai Kiadó.
- Villalva, Alina. 2008. *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.